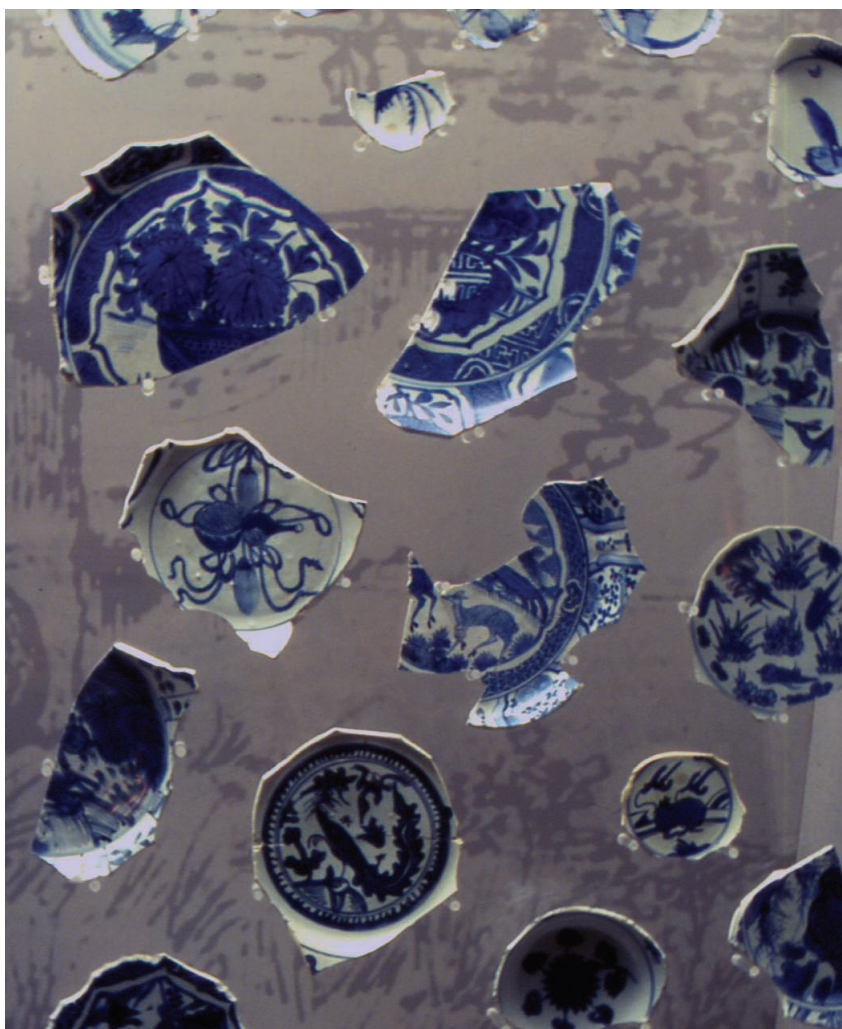


Património Integrado e Arte Colonial Portuguesa

Breve apontamento

Parte integrante de um universo cronologicamente vasto e geograficamente amplo, o fenómeno da arte colonial portuguesa tem sido alvo de um olhar que se pretende cada vez mais crítico e perscrutador por parte de entidades individuais e colectivas, públicas e privadas, nacionais e estrangeiras.

A preocupação para com a arte colonial tem-se traduzido num reunir de conhecimentos e despertar de sensibilidades, alcançados graças ao trabalho acumulado de uma geração anterior de historiadores de arte e conservadores de museus, assim como de investigadores estrangeiros, que agiram, por vezes, como verdadeiros desbravadores de um campo de estudo praticamente desconhecido na Europa do princípio do século XX. Assumindo-se no panorama académico cada vez mais como uma riquíssima área de estudo – obrigando a olhares transversais, inter e multidisciplinares –, são inúmeros os especialistas de diferentes ramos do saber, tanto da área das designadas ciências “exactas”, como do domínio das ciências sociais e humanas, que são chamados a colaborar na identificação, análise e estudo do património móvel e imóvel da arte colonial portuguesa. Importante é também não esquecer o papel desempenhado por coleccionadores e antiquários, observadores privilegiados e atentos dos objectos que, ontem como hoje, continuam a circular de mão em mão, testemunhando o carácter móvel que os caracteriza. À apre-



Macau – Museu de Macau: vestígios de porcelana azul e branca de encomenda portuguesa

ciação estética e formal destas obras, originadas em contextos geográficos, políticos, sociais e artísticos com inúmeras especificidades, alia-se a tentativa de entendimento do contexto histórico que as originou. Não se trata apenas de identificar, categorizar e catalogar – passos fundamentais que não constituem em si mesmos um fim – mas também de ler os vestígios artísticos materiais como parte integrante de um

encadeamento de acontecimentos, correspondendo a gostos e objectivos determinados e denunciando a interacção entre os interlocutores de uma Europa cristã com povos de outras culturas. Igualmente por esta razão, os núcleos de documentação coeva manuscrita e/ou impressa têm merecido particular cuidado.

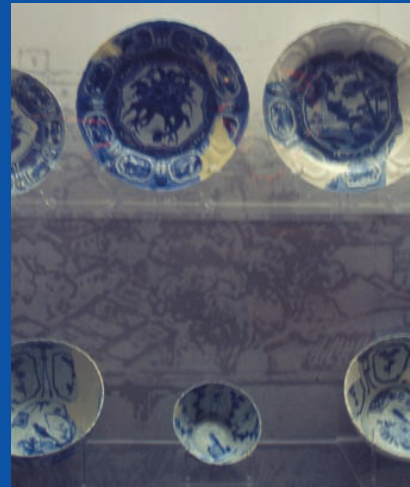
A preservação destas memórias através da conservação e do restauro de



Goa – Fachada da Capela de Nossa Senhora do Monte



Macau – Fachada da Igreja de São Domingos



Porcelana azul e branca de encomenda portuguesa

edifícios religiosos, militares e civis e de um património de objectos variados, tem-se imposto paulatinamente como uma componente importante da política cultural de alguns países. Contribui para isso o apoio de organismos governamentais e não-governamentais que, apostando numa vertente de índole cultural, desenvolvem acções de preservação e integração do património tangível. Trata-se, em alguns casos, de levar a cabo a consolidação, reabilitação e/ou conservação de estruturas arquitectónicas existentes, e de, em algumas situações, associar a este género de intervenção a criação de núcleos museológicos relacionados. No caso do património móvel, criam-se locais próprios para o exibir, tomando em linha de conta um fio condutor que os una. No âmbito do mundo português ultramarino, merecem particular destaque as acções desenvolvidas nas últimas décadas por instituições como a Fundação Oriente, a Fundação Calouste Gulbenkian e o IPPAR, sobretudo no continente asiático. No entanto, não podem ser esquecidas as reabilitações levadas a cabo em território brasileiro, sendo exemplar o caso da cidade de São Luís do Maranhão (actualmente classificada como património mundial pela UNESCO), assim como em África, nomeadamente em Marrocos, no Benin e no Quênia. No entanto, é sobretudo no

Índico e na respectiva fronteira com o Mar da China que se têm concentrado mais esforços – começando pela Índia, passando pela Malásia e Tailândia e estendendo-se até Macau, por ventura um dos casos mais interessantes e fecundos de todos quantos se possam citar, pela proficuidade de exemplos, dos quais o mais conhecido são as ruínas da Igreja de São Paulo e o Museu de Arte Sacra associado. Além destes, deve ainda referir-se o Museu de Macau, localizado no Monte do Forte, as igrejas e os núcleos museológicos de São Domingos e do Seminário de São José, a Capela da Guia e as respectivas pinturas murais e a Santa Casa da Misericórdia, apenas alguns exemplos de um extenso conjunto que não se confina às áreas imediatamente adjacentes à Praça do Leal Senado, mas que nela têm o núcleo centrífugo por excelência.

Goa, a capital do estado da Índia, verdadeira placa giratória de pessoas, ideias e artefactos dos séculos XVI e XVII, surge no mapa do Oriente da presença portuguesa como contraponto de Macau. Aqui, encontra-se hoje o espólio do Museu de Arte-Sacra Indo-Portuguesa de Rachol, iniciativa apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, localizado nesta localidade perto de Margão. Após um trabalho levado a cabo por Maria Helena Mendes Pinto, ex-conservadora do Museu Nacional

de Arte Antiga – que consistiu na inventariação de um património de mais de uma centena de peças disperso por inúmeras igrejas e colecções particulares de Velha Goa –, o Museu de Rachol foi inaugurado em 1994, no espaço do antigo colégio quinhentista dos Jesuítas, tendo-se procedido à sua transferência para outro edifício em 2001. Mais recentemente, e porque permanece um caso menos conhecido mas pleno de significado na associação com a figura de Afonso de Albuquerque, refiram-se as obras realizadas através da Fundação Oriente na Capela de Nossa Senhora do Monte⁽¹⁾, em Velha Goa. Localizada num local estratégico, de onde se podia controlar militarmente o território, era um espaço onde originalmente se localizava um santuário hindu e que se tornou num sítio de devoção cristã.

NOTAS:

⁽¹⁾Agradeço a informação que me foi facultada pelo Professor Rafael Moreira, incluindo o texto da autoria de Percival de Noronha distribuído quando da inauguração em 29 de Abril de 2001.

ALEXANDRA CURVELO,
Historiadora de Arte do Instituto
Português de Conservação e Restauro,
presentemente com Bolsa
de Doutoramento da Fundação
para a Ciência e Tecnologia